

# NOTÍCIAS AFRICANAS

CLIPPING SEMANAL SOBRE OS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA E ÁFRICA AUSTRAL

31.10 A 6.11.1994

## NESTA EDIÇÃO

- O leitor vai encontrar o noticiário sobre ANGOLA nas páginas 2, 3, 6, 7, 8, 9 e 10.
- O noticiário sobre MOÇAMBIQUE está nas páginas 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13 e 14.
- Os PALOPs são notícia na pág. 5.

### Estudantes angolanos criam associação

Realizou-se em 5 de novembro, nas instalações do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, do Conjunto Universitário Cândido Mendes, a assembleia fundadora da Associação dos Estudantes Angolanos do Rio de Janeiro, que congrega cerca de meia centena de angolanos estudando em cursos de graduação e pós-graduação nesse estado.

A assembleia aprovou os estatutos e elegeu os cargos diretos da Associação. A diretoria, presidida por André Sango, mestrando do IUPERJ em ciência política, tem como demais membros Dorival Queirós, Lemos da Conceição e Edgar de Jesus Gaspar.

O conselho fiscal é formado por Manoel Nazaré Neto, Celma Solange Ribeiro e Paulo Mutunda. A assembleia foi presidida por José Maria Nunes Pereira, que teve a seu lado o adido cultural do Consulado Geral de Angola no Rio de Janeiro, Bento Salazar "Morgado".

## ANGOLA

# Paz, a ferro e fogo

Dia 31 de outubro, o governo de Angola e os rebeldes da Unita assinaram em Lusaca um protocolo visando ao acordo de paz. Analisando o comportamento pretérito da Unita, é de crer que essa assinatura foi *acelerada* devido ao cerco ao Huambo e à retomada da região petrolífera do Soyo pelas tropas governamentais.

O protocolo previa que o cessar-fogo só deveria ocorrer dois dias após a assinatura formal do acordo de paz, marcado para 15 de novembro. A Unita ainda insistiu no cessar-fogo imediato. O governo resistiu, lembrando o descumprimento de acertos semelhantes por parte de Savimbi. O cerco ao Huambo, argumentava o governo, era para impedir que a Unita, uma vez mais, escondesse o armamento pesado no interior do país, como ocorreu após o acordo de Bicesse. Foi isso, aliás, que permitiu ao movimento de Savimbi retomar as hostilidades, com grande vantagem militar, após a derrota que sofreu nas eleições de setembro de 1992.

Acontece que o governo não se limitou ao cerco. Com bombardeios de canhões M-47 e aviões Sukoi, as tropas de Luanda abrigaram a Unita a retirar-se, deixando bastante material bélico. A cidade de Huambo voltava às mãos do governo, que a havia perdido em março de 1993. Em seguida veio a retomada das cidades de Uíge e de Mbanza Congo, ao norte. Os noticiários começaram a apontar atividades das tropas governamentais em Cuito Canavale, na direção da Jamba, o

*bunker da Unita.*

Essas manobras indicam que, pela primeira vez desde o reinício das hostilidades em outubro de 1992, a Unita se apresenta enfraquecida militarmente, enquanto as Forças Armadas de Angola, com recente reforço substancial de material, usam de toda a pressão militar possível para obrigar Savimbi a negociar. Pelo que se sabe, o governo não pretende mudar, a seu favor, os termos da negociação, tanto que continua mantendo as mesmas propostas. Todavia, essas últimas ações poderiam sinalizar que alguns chefes das Forças Armadas desejariam uma vitória militar sobre os rebeldes. Os protestos internacionais foram imediatos e fortes, sobretudo dos Estados Unidos.

A Unita ainda interrompeu as negociações. Mas logo verificou que só lhe restava esse caminho para salvar os ganhos políticos que obteve. Assim, em 20 de novembro, o ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio de Moura, e o chefe da delegação da Unita e seu secretário geral, general Eugénio Manuvakola, assinaram, finalmente, em Lusaca, o tão esperado acordo de paz. Jonas Savimbi não compareceu, suscitando dúvidas quanto à intenção da Unita. Isso fez com que o presidente José Eduardo, presente ao ato, delegasse ao seu ministro a assinatura. Dois dias depois o cessar-fogo foi proclamado pelos chefes militares de ambas as partes.

José Maria Nunes Pereira  
(Pesquisador do CEEA)